

WILHELM REICH: PSICANÁLISE, CORPO E CIÊNCIA.

Nicolau Maluf Jr*

6 de setembro de 2006

"...Cogito ergo sum é também uma famosa frase sua. É uma fórmula que sempre me incomodou. Pressupõe que um ser vivo que não faz o que ele chama de pensar é, de alguma forma, um ser de segunda classe. Ao ato de pensar, à cogitação, oponho a plenitude, a corporalidade, a sensação de ser - não uma consciência de si mesmo como uma espécie de fantasmagórica máquina raciocinante pensando pensamentos, mas ao contrário, a sensação - uma sensação pesadamente afetiva - de ser um corpo com membros que tem uma extensão no espaço, de se estar vivo no mundo. Essa plenitude contrasta em tudo com o estado fundamental de Descartes, que traz em si uma sensação de vazio: a sensação de uma ervilha chacoalhando dentro de uma vagem.." (Elizabeth Costello, personagem de Coetzee.)

Reich morreu em 1957, numa prisão americana. Sua trajetória de vida, fugindo do nazismo e da difamação tanto pessoal quanto de suas idéias, é trágica mas também imensamente rica na produção de trabalhos polêmicos mas nunca facilmente descartáveis. Embora mais conhecido pelas suas idéias libertárias na política e na sexualidade - no auge da contracultura, movimento que teve seu marco no ano de 1968, suas idéias foram apropriadas e distorcidas, fazendo com que seu nome ficasse associado ao movimento hippie e ganhasse contornos meramente ideológicos - Reich, na verdade, produziu um corpo teórico ímpar, com milhares de páginas escritas e pouco lidas, principalmente pelos seus críticos, passando pela psicologia profunda, psicanálise, biologia, física, protocolos científicos, filosofia, sociologia e epistemologia.

O artigo "Mesmer, Reichembach e Reich: O insólito e o conhecimento científico",¹ fornece uma idéia geral do desenvolvimento de suas idéias e trabalhos, no ítem que trata especificamente de Reich. Portanto, nesta apresentação, irei me dedicar mais especificamente, embora de forma sucinta, a abordar o cerne do seu pensamento, naquilo em que este se diferencia da psicanálise, na qual teve início, em direção à uma compreensão *sui generis* do problema corpo - mente. Não irei portanto me ocupar aqui do detalhamento dos desenvolvimentos posteriores dos seus trabalhos, isso ficará apenas indicado.

Os clínicos e estudantes minimamente familiarizados com o obra de Reich, sabem que alguns conceitos, como os de defesa de caráter e couraça muscular são centrais. Sabem também da atenção com os funcionamentos corporais e da importância presente em sua obra de um referencial energético. Nunca é demais lembrar como esse referencial energético - a libido, o pulsional - é componente indispensável da metapsicologia freudiana. A maneira como o corpo real entra na clínica "psicanalítica" será aqui apresentada.

Defesa psíquica e resistência de caráter.

"No inconsciente está a representação da pulsão, não sua energia" Freud.

*Psicólogo Clínico, Analista Reichiano e Organomista. Pioneiro no estabelecimento do pensamento, da clínica e da teoria da clínica reichianos no Brasil. Mestre e Doutorando em História das Ciências, Técnicas e Epistemologia pela COPPE- UFRJ. Membro do corpo editorial do periódico técnico-científico "Pensamento Reichiano em Revista". Diretor do Instituto Reichiano do Brasil- IRB.

¹disponível em <http://www.centroadleriano.org>

Qual deve ser o objetivo da análise, tornar consciente o inconsciente, ou modificar a estrutura libidinal? Por que algumas análises, apesar de conduzidas a contento, geram resultados insatisfatórios, enquanto outras tem sucesso? Estas são questões que cedo se apresentam ao então jovem Reich, na sua prática clínica. O fator estrutural é incompatível com o tópico, percebe ele, em função de uma dinâmica defensiva com características sistêmicas que receberá o nome de resistência de caráter.

O conceito de resistência não era estranho ao pensamento psicanalítico; ao contrário, logo foi percebido que determinados conteúdos só se tornam acessíveis à consciência quando as resistências quanto a isso são interpretadas e eliminadas.

Mas há algo mais.

Toda neurose se deve ao conflito entre demandas "instintivas"- principalmente demandas sexuais infantis - e as forças repressivas do ego. Como essas demandas buscam satisfação, procuram um objeto: daí a transferência. Todo processo analítico deve ser feito eliminando-se as resistências quanto ao reconhecimento da existência destas demandas e, feito isso, estas seriam sublimadas.

Isso traz um problema, percebeu Reich: a sublimação só poderia mesmo se dar quando existe acesso à expressão genital. Há uma gratificação sexual que necessita existir de fato.

Existe um fator quantitativo presente: o orgasmo não é um fenômeno psíquico; refere-se a uma redução de toda atividade psíquica dando lugar a uma biológica. Demanda atividade motora de fato. Se se considera a neurose como tendo etiologia sexual, então deve-se levar também em questão o orgasmo.

Freud havia dito antes que sem conflito sexual, não haveria neurose. Reich especifica: não há neurose sem perturbação orgástica, o que inclui, justamente, a dimensão econômico energética na sua perspectiva quantitativa de fato. Isso leva-o a postular sobre a potência orgástica, diferenciando-a de potência eretiva e ejaculativa. Sobre essa diferenciação e sua importância para o nosso tema de estudo, iremos nos deter mais detalhadamente adiante.

Sobre a resistência de caráter: Reich descreve como uma vez instaurado um conflito psíquico, este determina uma alteração na fisiologia da vida emocional, e esta, por sua vez, passa a alimentar e fornecer a energia do próprio "conflito", numa espécie de circuito retro-alimentado. Há aqui uma dimensão sistêmica e dialógica que iremos agora descrever.

O caráter, contrapartida psíquica da couraça muscular, é basicamente um mecanismo de defesa, de proteção narcísica, os vários traços individuais e isolados funcionando de forma compacta, unitária, assim como as contrações crônicas de determinados grupos musculares se expressam funcionalmente na couraça muscular. Também como a couraça, o caráter é histórico, pode ser remontado à experiências infantis e demandas sexuais e afetivas frustradas e recalçadas. Em ambos (caráter e couraça muscular), sua função econômica é servir de proteção contra os estímulos do mundo externo e, ao mesmo tempo, manter sob jugo estas demandas, utilizando a energia em formações reativas, modos típicos e rígidos de reação e contrações musculares crônicas, evitando, com isso, o surgimento da ansiedade (ansiedade flutuante). A definição do caráter de cada um guarda relação com o momento, do ponto de vista do desenvolvimento psicosexual, em que os principais conflitos se deram e foram resolvidos. O caráter, por sua vez, determina o quanto de gratificação sexual genital se torna possível.

Uma vez estabelecido um traço de caráter, isto torna desnecessária uma grande parte da repressão, já que o traço é aceito pelo ego, é egosintônico, passa a fazer parte do mesmo. Por isso, é mais difícil eliminar os recalamentos que deram origem ao traço de caráter, do que eliminar os que conduziram ao sintoma.

A dimensão dialógica do caráter, por sua vez, se revela na sua função (do caráter) de evitar, ao mesmo tempo, a angústia "real" (perigos do mundo, castigo, etc.) e a angústia estática (princípio econômico da formação do caráter) enquanto serve, concomitantemente, de modo secundário de obtenção de satisfação.

Levando-se em conta isso, de nada valeria interpretar a existência de um dado impulso, desejo, ou afeto recalçados, se não se leva em consideração a função defensiva (econômica-energética) do caráter. A interpretação "resvala" na função defesa do mesmo, e há ali somente a produção de um saber intelectualizado, racionalizado, que não produz transformações na personalidade.

Os então recém-surgidos conceitos de resistência de caráter, estase libidinal e potência orgástica são interconectados e apóiam-se mutuamente na compreensão do fenômeno. A estase define a condição de acúmulo, de libido insatisfeita,

resultante da existência do conflito sexual, na maneira em que este afeta a capacidade orgástica (o conflito psíquico alterando a fisiologia da vida emocional). Tentando explicitar ainda mais a dinâmica envolvida: se para Freud (num segundo momento) a ansiedade é postulada como sendo sinal do ego, e causa da repressão, Reich entende de outra forma, distinguindo ansiedade que é produto do sinal do ego, daquela que é fruto da estase, vendo que o medo do ego depende da estase libidinal. Num círculo vicioso, o conflito estabelecido impede satisfação orgástica plena, fantasias de castração causando repressão da libido genital, ansiedade atual resultando dessa repressão, e fornecendo o afeto para a ansiedade de castração. Somente via excitação somática uma idéia psicológica pode causar um afeto. Toda neurose de caráter tem um núcleo atual neurótico que ativa as fantasias patogênicas. Por sua vez, essa estase se expressa diretamente em alterações tais como: pressão alta, vaso-constricção, pupilas dilatadas, diarreia, tontura, boca seca, suor frio, etc. (equivalentes somáticos), quando o equilíbrio neurótico se encontra ameaçado, quando falha a função de defesa do caráter.

A perspectiva econômico-sexual, como Reich a definiu, surgiu de limitações do instrumental clínico então vigente, que geraram questões e alterações nos meios de abordagem clínica, e isto, novas teorizações. E nestas, surge de forma incoercível a necessidade de se observar o lugar central que o referencial estrutural, econômico-energético, ocupava no entendimento dos fenômenos da vida emocional. Mas devemos salientar mais uma vez: o fator quantitativo, na ótica da economia libidinal, levava à uma concepção da existência de uma questão energética de fato, não metafórica, na composição do acontecimento neurótico.

E esse fator quantitativo, assim considerado, gera também uma consequência radical: o somático, o corporal, entra em cena de forma literal. Vejamos o que definimos como corporal aqui: o fator econômico esteve inicialmente, no pensamento freudiano, ligado à idéia de aparelho neuronal, e depois, aparelho psíquico. É neste(s) que se daria a circulação e outros processos energéticos.

"Refiro-me ao conceito de que, nas funções mentais, deve-se distinguir algo - uma carga de afeto ou soma de excitação - que possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo." (Freud).

"*Nas funções mentais... que se espalha sobre os traços mnêmicos*". O recorte da citação freudiana deixa em evidência uma concepção que implicitamente equivale psíquico à cerebral, este sim o "o local" onde os processos econômicos estariam se dando.

Mas a observação clínica traduz um corporal que, fenomenologicamente, refere-se à totalidade do organismo: fenômenos como suor frio, boca seca, mas também respiração curta, tensões crônicas em grupos musculares específicos e, principalmente as fortes reações corporais que acompanham vivências afetivas intensas. Clonismos musculares - movimentos involuntários que se dão quando as resistências caracteriológicas e ou musculares sofrem intervenção clínica - são também elementos importantes. É possível reconhecer, nestes acontecimentos, tanto a existência de uma corporeidade expressa num funcionamento unitário irredutível, quanto a presença de uma descarga, em termos de atividade motora; um fator quantitativo que envolve forças muito além da escala que seria esperada para uma dimensão psíquica, cerebral.

Pode-se entender que estes fenômenos corporais, incluindo as intensidades presentes, apenas expressam atividade cerebral específica, atividade do sistema nervoso, onde a ação motora seria expressão desta atividade. Esse seria um viés neuro-fisiológico clássico, que situa o cérebro como causador destas atividades corporais.

Mas as dificuldades clínicas que levaram ao desenvolvimento da análise do caráter, já haviam assinalado a importância do reconhecimento da existência de uma dimensão sistêmica, que como uma superestrutura, se sobrepunha aos funcionamentos mais simples da dinâmica da vida emocional. Essa dimensão sistêmica implicava que, tanto do ponto de vista da intervenção clínica, quanto do da teorização sobre a mesma, houvesse um olhar que muitas vezes modificava o entendimento vigente sobre os modos, graus e tipos de relações existentes entre os componentes da teoria em questão, o que por sua vez evocava novos modos práticos de intervenções clínicas, e em seguida, novas teorizações.

Essa dimensão sistêmica não implica na negação da especificidade da atividade do sistema nervoso central, mas sim em relativizar a suficiência da "causalidade" das explicações surgidas a partir do referencial neuro-fisiológico, cerebral.

Vejamos um exemplo concreto no território dos mecanismos de defesa: o conceito de mecanismos de defesa do ego traz a idéia de uma mecânica onde um determinado impulso recalçado sofre a ação de um dado procedimento psíquico, um modo operante como por exemplo deslocamento, negação, etc. A tarefa clínica consistiria em localizar o impulso, e o procedimento de defesa para abordá-lo em primeiro lugar. Feito isto, tornar-se -ia possível o reconhecimento consciente do impulso mencionado.

Ora, a experiência clínica demonstra que, caso não se tenha feito anteriormente o "desmonte" da função defesa do caráter, mesmo quando se localiza corretamente tanto o impulso em questão, quanto sua defesa específica, isto é inoperante. Eis aqui materializada a questão do "convencimento" por parte do paciente, da correção da interpretação. Prevalece a potência do conjunto, a somatória organizada dos modos de defesa chamada caráter. Reich postulou que a principal resistência, na análise, era sempre a resistência de caráter. Este, como superestrutura, se sobrepõe ao efeito que produziria a intervenção clínica voltada para a defesa específica relativa àquele impulso específico. O caráter revela uma qualidade de "teia", "rede", e utilizando uma analogia hidráulica, nele a energia flui deslocando-se de defesas principais para secundárias e vice versa, mantendo a integridade do função defesa intacta. A dinâmica do conjunto anula a linearidade causa-efeito presente na postura de se analisar o emergente (no sentido psicanalítico do termo).

Corpo e couraça muscular

O conceito de "acting-out", no pensamento psicanalítico, designa um acontecimento onde, num processo analítico, um paciente traduz em um ato, ou uma atividade motora, um determinado conteúdo que poderia ser psiquicamente elaborado. Uma atividade defensiva, portanto. Assim, dentro deste referencial, tudo aquilo que encaminha à corporeidade fica associado a uma "negatividade" (atuações, conversões histéricas, somatizações).

Mas a experiência clínica na abordagem do tipo "análise do caráter", gera outras conclusões, onde as atividades corporais relativas à vida emocional são percebidas não unicamente como modos típicos de defesa, mas como registros de algo que pode também ser de uma outra ordem conceitual, outro olhar epistemológico: a dimensão somática da vida emocional, sua contrapartida, o somático entendido como elemento antagônico-complementar da vida psíquica.

Como mencionamos acima, a abordagem caracter-analítica gerava não somente fortes reações emocionais, mas também atividade motora e neurovegetativa. Relatos de pacientes descreviam a existência, imediatamente antes e durante as reações emocionais, de sensações como se algo "corresse" por debaixo da pele, espalhando-se pelo corpo. A existência dessas sensações costumava preceder a manifestação de uma movimentação involuntária, clonismos musculares, em parte localizadas ou que se estendiam pelo corpo todo, produzindo um movimento ondulatório característico que, pela obviedade do mesmo, Reich denominou "reflexo orgástico". Dependendo do paciente em questão, essa atividade involuntária surgia com uma qualidade unitária íntegra, ou então, evidenciava-se uma "quebra" da qualidade unitária, aqui e ali no corpo, quebra essa localizada em "anéis" perpendiculares ao eixo do corpo. Estes anéis, por sua vez, portavam imobilidade muscular crônica, tensões que eram de natureza diferente das tensões do dia a dia. Quando estas tensões, em conjunto com outras técnicas analíticas, eram abordadas na clínica, toda uma organização corporal, com um sentido emocional específico, evidenciava-se, assim como o seu alívio (das tensões) era acompanhado de reações emocionais, atividade muscular involuntária, insights significativos e rememorações.

Uma estrutura psíquica é ao mesmo tempo uma estrutura biofísica, que apresenta uma indicação do estado específico de interação das forças vegetativas de uma pessoa (Reich).

Logo se tornou evidente que a corporeidade, nos seus arranjos típicos para cada indivíduo, era a contrapartida somática da vida emocional e psíquica, formando ambas uma unidade irredutível. A neurose tem uma contrapartida corporal, o recalque no psiquismo tem sua antítese em mecanismos corporais de contenção e detenção de impulsos e atividade motora, a couraça muscular, como definiu Reich. Arranjos de grupos musculares e ritmos corporais passam a informar sobre a personalidade, e técnicas e manobras visando uma intervenção desta ordem são desenvolvidas e passam a fazer parte dos instrumentais da clínica.

Epistemologia e Ciência.

As investigações psicanalíticas resultam de fato não em explicar o homem pela sua infra estrutura sexual, mas em reencontrar na sexualidade as relações e atitudes que anteriormente passavam por ações e atitudes de consciência, e o significado da psicanálise não é tanto o de tornar biológica a psicologia, quanto a de descobrir um movimento dialético em funções que se acreditavam puramente corporais (M. Ponty).

Mais que uma dialética, entendemos que lidamos aqui, concomitantemente, com um referencial energético, um princípio dialógico e uma noção sistêmica, intrinsecamente interligados, no pensamento reichiano. É uma perspectiva crítica ao referencial mecanicista - reducionista que, dado o sucesso do empreendimento científico, passou a ser considerado o único referencial que pode de fato dar conta de se conhecer o mundo a nossa volta. Essa expressão tão comumente empregada, “o mundo a nossa volta”, implicitamente deixa de fora da definição de “mundo” a nós, os seres que habitamos e somos deste mundo. Ao produzir soluções tão significativas para a nossa existência emocional, o pensamento reichiano apresenta um modelo que reintroduz o vivente no mundo (conceitualmente), e assim também aponta para uma direção complementar: pode o *funcionalismo orgonômico* - denominação dada por Reich ao método experimental e de pensamento desenvolvido por ele - contribuir de forma importante para o conhecimento do mundo não orgânico, de uma maneira não conseguida pelo referencial mecanicista- reducionista?

Ainda no outro artigo citado (*Mesmer, Reichembach e Reich: O insólito e o conhecimento científico*), quando da apresentação superficial que faço dos seus trabalhos científicos (Reich), no caso dos bions e dos experimentos com a energia “orgone”, evidencia-se uma lógica onde é feita a abstração de certas regras gerais presentes em diferentes fenômenos, que lembra bastante a “importação de conceitos” presente no chamado “pensamento complexo”, bem posterior ao tempo reichiano. Essa abstração, por sua vez, longe de permanecer unicamente como especulação filosófica, deu ensejo a verificações experimentais que validam fortemente o modelo reichiano (para saber mais sobre o tema, e acompanhar algumas destas verificações experimentais, o leitor deve procurar as obras “*the cancer biopathy*”, “*selected writings*” e “*cosmic superimposition*”, entre outras).

Um consequência lógica dos trabalhos reichianos é a relocação, num campo conceitual mais amplo, dos conteúdos da psicologia e psicanálise. Não no sentido de reduzir estes últimos à biologia ou à física, mas sim, no de um salto conceitual, reorganizador, que pode ter consequências tão marcantes para a nossa visão de mundo, como tiveram a teoria da relatividade e a mecânica quântica, no início do século XX.

Referências

- [1] Reich, W., El Análisis del Carácter, Buenos Aires, Paidós, 1975.
- [2] Reich, W., The Cancer Biopathy, New York, Farrar, Straus and Giroux, 1973.
- [3] Reich, W., Ether, God and Devil / Cosmic Superimposition, New York, Farrar, Straus and Giroux, 1973.
- [4] Reich, W., Selected Writings. New York, Farrar, Straus and Giroux, 1979.